

PERSPECTIVAS 2006 | POBREZA NO MUNDO

Nosso papel neste jantar

Para que o mundo seja mais justo, não podemos ficar sentados como convidados que apenas observam o que acontece, devemos assumir nosso papel de anfitriões no plano internacional e influenciar os rumos do desenvolvimento global

Marcelo Medeiros



Divulgação

Imagine o mundo como uma grande mesa de jantar para alguns convidados especiais. Dois pratos são servidos. Uma pessoa pega o primeiro. Um milhão tem de dividir o segundo. É isso mesmo, um prato dividido por 1 milhão: essa é aproximadamente a razão de rendimentos entre as quinhentas pessoas mais ricas do mundo e os 416 milhões mais pobres. Se você acha que a desigualdade de renda no Brasil é muito alta, tire as crianças da sala, os níveis de desigualdade mundiais são obscenos. Cerca de 40% da população mundial – 2,5 bilhões de pessoas pobres vivendo com menos de 2 dólares por dia – detém menos de 5% da renda global, enquanto, no outro extremo, os 10% mais ricos vivem com 54%, segundo o último Relatório de Desenvolvimento Humano, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

Olhar para a desigualdade é importante porque por trás dela está uma pobreza que não precisava existir. Com menos de 1% da riqueza mundial é possível erra-

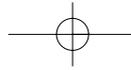
dicar completamente a pobreza extrema da face da terra. A pobreza mundial não está relacionada a uma escassez de recursos, mas à sua péssima distribuição dentro e entre países.

A desigualdade dentro dos países importa muito. O Brasil tem renda média três vezes maior que a do Vietnã, mas ainda assim os 10% mais pobres do Vietnã estão em situação melhor que os 10% mais pobres do Brasil porque o Vietnã é um país muito mais igualitário. Em vários países, uma redução da desigualdade uniria os benefícios de viver numa sociedade mais justa a grandes reduções nos níveis de pobreza.

Por outro lado, a desigualdade entre países também é fundamental. Em diversos países asiáticos, latino-americanos e africanos, reduções nos níveis de desigualdade não seriam suficientes para tornar a pobreza um evento distante na história. Esses países dependem da ajuda de outros para compensar a escassez de seus recursos. O tamanho dessa ajuda na economia global é irrisório, mas ainda assim nossa geração está fracassando em honrar os compromissos assumidos na Declaração do Milênio e não será capaz de reduzir a pobreza extrema à metade até 2015.

O que o Brasil tem a ver com isso? Estamos acostumados a uma cômoda posição de recebedores de auxílio, mas a verdade é que temos deveres importantes e não podemos nos esquivar deles. Cabe também a nós fornecer ajuda para reduzir a pobreza no mundo. Pode soar estranho, uma vez que já temos nossos problemas internos para enfrentar, mas qual país não os tem? Dizer que primeiro devemos arrumar a casa para depois olhar para fora é um caminho confortável, mas ao mesmo tempo covarde, de se relacionar com o desafio. Talvez a capacidade que o Brasil tem de transferir recursos financeiros para ajuda internacional seja limitada, mas nossa responsabilidade em outras áreas é indiscutível.

A redução das desigualdades entre países depende de regras justas de comércio internacional, as quais incluem a eliminação de barreiras protecionistas nos países desenvolvidos, em particular os subsídios



à agricultura. Nosso peso no cenário diplomático mundial é inegável, devemos encarar a eliminação dessas barreiras não apenas da ótica de nossas próprias vantagens, mas também como mecanismo de promoção da igualdade global.

Possuímos também instituições de pesquisa com qualificações invejáveis, experiência em solucionar problemas típicos de países em desenvolvimento e um sistema universitário funcionando bem. Somos per-

feitamente capazes de aumentar imediatamente, e de maneira expressiva, nossa cooperação técnica com outros países, particularmente aqueles da América e da África com os quais nossa proximidade lingüística já é uma primeira barreira superada.

Há áreas em que avançamos bastante, outras em que ainda há muito a fazer. Estender a lista dos campos em que podemos e devemos colaborar com países muito pobres seria fácil, mas isso não é necessário,

porque a conclusão é óbvia: para que o jantar seja mais justo, não podemos ficar sentados como convidados que apenas observam o que acontece, devemos assumir nosso papel de anfitriões e influenciar os rumos do desenvolvimento global no que estiver ao nosso alcance.

Marcelo Medeiros é coordenador do Ipea no Centro Internacional de Pobreza do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud)

Arquivo Pnud

